# MARCAS DO GENOCÍDIO NA LITERATURA DE RESISTÊNCIA DE MULHERES INDÍGENAS DE ABYA YALA

## *GENOCIDE MARKS IN THE INDIGENOUS WOMEN'S RESISTANCE LITERATURE OF ABYA YALA*

**Larissa Fontinele de Alencar**[1]
[https://orcid.org/0000-0003-3190-9279]

**Tânia Maria Sarmento – Pantoja**[2]
[https://orcid.org/0000-0003-1575-5679]
DOI: 10.30612/raido.v15i38.14865

RESUMO: Este artigo aborda as marcas do genocídio presentes em textos literários de autoria de mulheres indígenas de Abya Yala, como se convencionou designar o continente americano pelos povos originários. Inicialmente, apresentamos um breve panorama contextual sobre as questões referentes ao genocídio dos povos originários desde a invasão dos europeus no período da colonização e como este fato histórico nos conduz até a contemporaneidade, em que as colonialidades se fazem presente em diversos âmbitos. Também traçamos alguns apontamentos sobre as literaturas de resistência de autoria de mulheres indígenas, para na sequência final analisarmos as escrituras de seis autoras das etnias Mapuche, Potiguara e Maya, sob a ótica da análise literária identificando as nuances das palavras que representam o genocídio indígena através dessas vozes femininas.

Palavras-chave: Resistência. Genocídio. Literaturas. Indígenas.

ABSTRACT: This article discusses the marks of genocide present in literary texts authored by indigenous women of Abya Yala, as it was convinced to designate the American continent by the original peoples. Initially, we present a brief contextual overview of the issues related to the genocide of the original peoples since the invasion of Europeans in the period of colonization and how this historical fact leads us to contemporaneity, in which colonialities are present in various areas. We also trace a brief path of the resistance literature singed by indigenous women, so that in the final sequence we analyze the scriptures of six authors of the Mapuche, Potiguara and Maya ethnic groups, from the perspective of literary analysis identifying the nuances of the words that represent indigenous genocide through these female voices.

Keywords: Resistance. Genocide. Literature. Indigenous.

1 Universidade Federal do Pará (UFPA).

2 Universidade Federal do Pará (UFPA).

## INTRODUÇÃO

Awya Yala Wawgeykuna
Awya yalla apachi q'osni patapi
Tawa K'uchu tawantinsuyumanta
Yawar qhocha kutipun
llajsakun sirch'i nina urqota.

Hermanos Americanos
Abya Yala sobre las aras humeantes
Los cuatro puntos cardinales
Se tornan infiernos de sangre
Lava incandescente funde su potencia.
(TUPTURKA, 2017, p. 10)

O excerto poético é a primeira estrofe referente ao poema *Abya Yala Wawgeykuna (Hermanos Americanos)*, escrito por Tupturka, originário do povo Quechua da Argentina, ganhador do Certamen Nacional de Cuento y Poesía "Grupo Icthios", em 1990. O poema, escrito em quéchua e traduzido para o espanhol, faz uma convocação a todos os povos originários, irmanados por habitar terra e por opressões sofridas no processo de colonização, transformem-se a força ancestral em potência literária, apesar dos infernos de sangue, da lava incandescente de tantas mortes, destruição, extermínio de identidades e tantas outras atrocidades.

Partindo desse pressuposto poético, o objetivo deste artigo é observar alguns poemas sob o prisma das literaturas de resistência de autoria mulheres indígenas a partir da perspectiva dos traços do genocídio dos povos originários de Abya Yala. De acordo com o geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves (2009), Abya Yala é uma autodesignação dos povos originários do continente em oposição a palavra América. É uma palavra de origem do povo *kuna* que significa Terra Madura. Levando em conta que as organizações e instituições de povos originários adotaram esse nome comum para se referir a terra continental ancestral dos povos, devemos considerar que é um símbolo de identidade e respeito pela terra habitada, diferentemente da nomenclatura América que exalta o colonizador, essa expressão marca um posicionamento político de produzir sentidos ancestrais e anticoloniais.

De todo modo, a situação atual dos mais de 600 povos indígenas que habitam essas terras é o resultado do processo histórico que começou a mais de cinco séculos, em 1492, com o encontro fatídico dos europeus ao chegarem com o discurso despretensioso de uma busca de rotas alternativas para o comércio com o continente asiático, que logo se tornou um discurso genocidário de desvalia dos povos originários. Gradualmente "descobriram" um continente inteiro, superpopuloso e habitado por uma diversidade de grupos étnicos, a quem denominaram erroneamente de "índios", ao considerá-los supostamente como habitantes da Índia.

Graciela Huinao, poetisa de origem Mapuche, em *Salmo 1492*, poetiza o fatídico ano. Graça Graúna, escritora Potiguara, conta em poema sobre o pernil de carneiro


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

retalhado que se transformou em Abya Yala. A poetisa maya, Briceida Cuevas Cob, nos conta da coruja que anuncia a morte. Estas e outras vozes contemporâneas se somam aos cantos poéticos de resistência das mulheres indígenas destas terras continentais que regou as sementes ancestrais com muito sangue originário.

Portanto, encontro marcado pelas opressões, espoliações de todas as ordens e morte massiva, encontro de genocídio contra os corpos, contra as epistemes milenares e de tentativa de extermínio das ancestralidades está calcado através da palavra na literatura feitas por várias mulheres indígenas dos povos originários. Assim, é diante das ressignificações da resistência, a partir de um olhar de quem sente as dores e tem as cicatrizes marcando a alma por um trauma colonial, que observaremos a poesia indígena.

## 1. BREVE PONDERAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O GENOCÍDIO INDÍGENA EM ABYA YALA

É inconteste que as colonizações europeias provocaram um dos maiores atentados contra a humanidade, ao desumanizarem os habitantes das terras recém tomadas, os portugueses, espanhóis, ingleses e outros buscaram formas de validar a dizimação dos povos originários, utilizando discursos religiosos cristãos para promover o massacre dos nativos e a posse das suas terras, privando-os da liberdade, limitando-os a serem considerados apenas como animais: excluindo-os de dignidade e menosprezando-os por suas formas de pensar e agir diferentes do ideário europeu.

A respeito desse morticínio indígena, a antropóloga indigenista brasileira Manuela Carneiro da Cunha acrescenta ganância e ambição como forma de impulso aos severos atos de colonização: "Este morticínio nunca visto foi fruto de um processo complexo, cujos agentes foram homens e microorganismos, mas cujos motores últimos poderiam ser reduzidos a dois: ganância e ambição, formas culturais da expansão do que se convencionou chamar de capitalismo mercantil" (CUNHA, 2002, p.12). Segundo a antropóloga, dados nos revelam que um pequeno número de colonizadores armados de pólvora bastou para tornar exitosos os seus crimes contra um continente abundantemente povoado, estima-se que de 1 milhão a 8,5 milhões de nativos habitavam as terras baixas da América do Sul na época da chegada dos europeus.

As atrocidades dos processos de colonização nas Américas são inumeráveis, dizimação de comunidades inteiras, a promoção do aniquilamento da cultura e a imposição religiosa foram brutalmente capazes de negativar saberes ancestrais, genocídios agregados de saberes destruídos pela lógica colonial-capitalista. Complexo projeto colonial de extermínio dos povos originários que permanece até a contemporaneidade, com vários aspectos que subjazem um ideário de necropolítica, como diz o filósofo africano Achille Mbembe (2018), que reflete sobre a vida e a morte diante de contextos coloniais e neocoloniais. A partir disso, o estudioso tece a discussão sobre as heranças históricas na contemporaneidade envolvidas nas práticas de dominação do Estado, através de discursos e práticas excludentes de uma política que reverbera morte em um estado genocidário que se perpetra por todo o continente, e que tende ser ainda mais duro para as mulheres indígenas. Enfim, o trauma colonial não cessa de se articular sob as novas faces da Modernidade/Colonialidade.

É urgente pensarmos sobre essas questões nos estudos literários para ampliarmos os estudos da resistência para o campo da autoria indígena, compreendendo como se dá os processos de barbárie que culminam na permanência do trauma, neste caso, uma barbárie perpetrada por colonizadores que se instaurou na história seguinte a colonização como uma cicatriz ainda aberta.

Quando se trata de conceituar essa palavra "genocídio" há uma tendência em pensarmos somente no Holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial provocado contra o povo judeu, no entanto, as práticas genocidárias fazem parte da humanidade. No entanto, talvez um dos maiores atos de barbárie que já ocorreu na história se deu com o projeto colonial do continente americano que ultrapassa períodos, não se manteve ao tempo que durou a colonização, muito pelo contrário se fortaleceu ainda mais com a subjugação dos corpos diferentes do corpo colonizador. Como diz o sociólogo peruano Anibal Quijano:

> O fato é que já desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não-assalariado com as raças dominadas, porque eram raças inferiores. O vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado principalmente pela violência da conquista, nem pelas enfermidades que os conquistadores trouxeram em seu corpo, mas porque tais índios foram usados como mão de obra descartável, forçados a trabalhar até morrer. (QUIJANO, 2005, p. 120)

Essa observação é de suma importância para entendermos que o genocídio durante a colonização não esteve presente somente nas chamadas "Guerras da conquista" por territórios, mas, sobretudo, através do trabalho forçado em que os indígenas eram levados à extrema exaustão até à morte. Trata-se de projeto colonial genocidário que agiu em várias frentes: no extermínio literal dos povos, no abrandamento das culturas, na docilização dos corpos indígenas através do uso da religião hegemônica, enfim, uma a(mal)gamado de contextos.

A escritora indígena Eliane Potiguara em uma parte da sua obra **Metade cara, metade máscara,** trata sobre a separação violenta das famílias dos territórios imemoriais dos povos indígenas como impulsionadora do trauma colonial: "Isso provocou insegurança familiar, distúrbios, medo e pânico, causando loucura, violências interpessoais, suicídios, alcoolismo, timidez e a baixa autoestima diante do mundo" (POTIGUARA, 2018, p. 20). Ao separar uma família, retirar de seu território e obrigar uma imigração, para a autora, dissipa-se a cultura e os elos com a ancestralidade; quebrar esse vínculo é uma das formas de apagar a história da descendência e homogeneizar todos com sendo pertencentes a uma única nação.

Similar ao relato de Potiguara, a narrativa oral de uma das avós da ativista Moira Millan pertencente ao grupo étnico Mapuche, denuncia a presença de campos de concentração que detinham mulheres e crianças somente por serem mapuche, nesses lugares se cometiam inúmeras atrocidades. Nos relatos se vê mulheres enlouquecidas pelas crueldades praticadas pelos capatazes: filhos que são dados aos cachorros para servirem de comida, maridos degolados em frente às suas esposas, são barbáries cometidas com o consentimento do estado.

> Una de ellas mi abuela Selmira Práfil, quien recordaba los siguiente: "…dicen que lo winka llegaban a los tiros, disparaban contra toda la gente mapuche, así dice que


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

> quedo mi tía loca, pofo taba la pobre tía, que dicen que tenía su bebé recién nacido y como estaba débil por el parto y casi ni comían los mapuches porque los winka les negaban la comida se iban enfermando y muriendo en el camino, así dice que ella iba bien mal con su hijito meta llorar, arrastraba el pié pa caminar, y retrasaba a toda la gente entonces vino un winka que estaba a caballo, un soldado y le pidió su bebe, y ella se lo dio porque pensó que iba a llevarlo por delante en el caballo, y el soldado tiró la criatura los perros que tenían, dicen que tenían mucho perro bien malo que usaban para cazar a los mapuche y así lo mataron al hijo de la tía a mordiscones, la tía se volvió loca después de eso…". (MILLÁN, 2011, p. 131 – 132)

O Winka, em mapudugum, língua originária mapuche, significa o não-mapuche, ou seja, no período da colonização o branco, o europeu que cometia as piores atrocidades contra os grupos originários. Não se pode mensurar o quanto de sofrimento e trauma carregam os nativos de Abya Yala, são relatos de profunda dor, que deixam marcas no corpo, na descendência e transparecem nas escrituras.

Assim, o engenhoso e perverso projeto colonial chega a pretensa modernidade a partir dessa dissipação de saberes ancestrais, mas que por resistência podem ser retomados. Rastros apagados também poderão ser restaurados para o reencontro com a ancestralidade, como veremos nos poemas de mulheres indígenas de Abya Yala que foram selecionados para compor este artigo.

## 2. RESISTÊNCIA E AS LITERATURAS INDÍGENAS DE AUTORIA FEMININA

Pela palavra literária dos povos originários também se fazem as literaturas de resistência, uma vertente dos estudos literários que trata sobre os textos dentro do âmbito de situações de violência, autoritarismo, opressão, que perpassam tanto os contextos históricos em que esses textos estão inseridos quanto as temáticas que emergem deles. De acordo com a pesquisadora estadunidense Barbara Harlow, as literaturas de resistência, em um contexto teórico-histórico, "chama a atenção para si e para a literatura em geral como uma atividade política e politizada. A literatura de resistência se vê ainda mais imediata e diretamente envolvida em uma luta contra formas ascendentes ou dominantes de produção ideológica e cultural" (HARLOW, 1987, p.28).

Assim, as organizações de resistência representam uma luta da coletividade contra a dominação. A pesquisadora utiliza o termo literatura de resistência para definir textos literários que possuem características que estão envoltas na ideia de luta contra opressão e que, por sua vez, são marginalizados por não fazerem parte da cultura hegemônica. De modo geral, a literatura de resistência é um produto escrito que advém dos conflitos políticos entre o Colonialismo/Modernidade e os movimentos de resistência nativos.

Diante desse conceito, as resistências nas artes estão atreladas às escolhas temáticas e formais, assim como estão aliadas à imagem de insistência e de contraposição a uma força que está fora do autor e sua obra. Desta forma, implica também em, como diz o teórico da literatura brasileira Alfredo Bosi, um "não lançado à ideologia dominante" (BOSI, 2002, p. 129). Deste modo, literatura de resistência é uma literatura relacionada ao teor político que a compõe, que não precisa encontrar-se explicitamente engajado,

mas que contém um teor de contraposição a uma ordem dominante, tanto na esfera literária, quanto no âmbito histórico e sociocultural.

Diante disso, consideramos as literaturas feitas pelas mulheres dos povos originários como uma possibilidade de observação e ressignificação da literatura de resistência. Por isso, é importante fazermos o percurso que nos encaminha para as situações de barbárie que envolvem, de modo geral, os povos originários de Abya Yala.

É necessário ressaltarmos que, ao se tratar de literaturas indígenas, as definições e os conceitos esbarram, como bem pondera a escritora de origem potiguara Graça Graúna, "no preconceito literário estampado no mascaramento de polêmicas doutrinais. No cânone, essa literatura não aparece mencionada; seu lugar tem sido, até agora a margem. Poucos se dão conta de sua pulsação." (GRAÚNA, 2013, p. 55). A palavra-flecha indígena resiste e traspassa o tempo, evoca a memória, a identidade e as ancestralidades. Graça Graúna, que além de escritora também é estudiosa da literatura, nos alerta que entre os indígenas a palavra é um elemento sagrado, "[...] palavra e identidade se confundem; palavra que passa de pai para filho, dos avós para os netos; palavra carregada de água, palavra vinda da terra, palavra aquecida pelo fogo, palavra tão necessária quanto o ar que se respira; palavra que atravessa o tempo". (GRAÚNA, 2013, p.173).

É importante, observamos o que pondera a pesquisadora dos estudos literários ameríndios, a professora Rita Olivieri-Godet, sobre a resistência da palavra enunciada pelas vozes literárias de mulheres de Abya Yala, mais especificamente, sobre brasileiras e canadenses, originárias de dois polos de Abya Yala:

> [...] levantam sua voz e aproximam as duas extremidades do continente graças à sua criação literária. Seu discurso poético reaviva a memória de sua ancestralidade e lembra nossa história compartilhada, inscrita nas marcas da violência do genocídio contra os povos ameríndios, experiência comum a todos os processos de formação dos Estados nacionais do continente. As obras dessas escritoras fissuram o imaginário colonizado sobre o espaço das Américas, reanimando a memória ancestral da ocupação do território pelos povos autóctones. (OLIVIERI – GODET, 2020, p. 20).

É sob essa fissura do imaginário colonizado, como uma fresta de resistência, que as literaturas dos povos originários se movem, para Olivieri-Godet (2020) os textos poéticos podem abrir espaços ao engajamento político e chamar à resistência, afinal, o texto poético é um canto de denúncia e de revolta contra o declínio dos mundos dos grupos étnicos. "Memória dos massacres, da humilhação, da despossessão, traduzida em palavras duras para que todos se lembrem: 'Eu me lembro / de ter sido desonrada / esfolada / deformada / agredida / sangrada / violentada' (Kanapé Fontaine, 2016, p. 68)". (OLIVIERI-GODET, 2020, p.118). Ao referir-se aos textos da escritora do povo originário innu Kanapé Fontainne, a pesquisadora reflete que as escritoras instauram seu próprio espaço de enunciação, privilegiando a problematização de sua identidade de mulheres e ameríndias, além de suas relações com as sociedades ocidentais através da face mais perversa do colonialismo: a tortura e a morte.

Essas vozes ameríndias reverberam um grito de resistência frente aos desmandos e ecos do colonialismo, culminado em um trauma colonial proveniente do genocídio perpetrado de Norte a Sul de Abya Yala. Como observaremos um pouco mais no próximo

tópico para percebermos as nuances bem demarcadas das opressões vivenciadas pelas mulheres indígenas do continente.

## 3. GENOCÍDIO EM ESCRITURAS DE MULHERES INDÍGENAS POTIGUARA, MAPUCHE E MAYA

A colonização europeia em nosso continente foi um processo histórico catalisador da morte de milhares de indígenas, além da tentativa de extermínio da ancestralidade daqueles que permaneceram vivos e puderam repassar de geração em geração as suas culturas. As literaturas indígenas na contemporaneidade marcam ancestralidade e morte como ressignificação através da resistência da palavra, como arma de libertação das opressões e como grito que reverbera os cantos ancestrais dos quéchuas, nahuas, tupi-guaranis, mapuches, aymaras, potiguaras, macuxis, kambebas, innues, mayas e tantas outras manifestações de existências que foram apagadas pela Modernidade/Colonialidades, porém nunca perdidas.

Apesar dos pesares da colonização genocidária, as literaturas indígenas vivem na contemporaneidade um florescer crescente de consolidação das vozes de mulheres indígenas. Para esta análise literária selecionamos três grupos étnicos distintos de pontos variados de Abya Yala: os Mapuche, que habitam parte do território do sul do Chile e parte da Argentina, estão representados pelas escritoras Graciela Huinao e Rayen Kvyeh; os Potiguara, grupo étnico brasileiro que está territorializado em uma pequena contingência de terra do estado da Paraíba, litoral do nordeste brasileiro, representados pelas autoras Eliane Potiguara e Graça Graúna; e o povo indígena Maya, representado pelas escritoras Briceida Cuevas Cob (México) e Rosa Chávez (Guatemala).

É importante assinalar que há muito mais que 600 grupos étnicos espalhados como sementes por este território de Abya Yala, esta amostragem de apenas seis mulheres de três grupos étnicos é apenas um pinçar de excertos poéticos que tocam em uma das questões de maior relevância entre todos os povos indígenas: as marcas cruéis dos genocídios dos povos originários. A seleção de autoras problematiza desde a sua relação com o ser indígena quanto a sua condição de gênero, demarcadores de espoliações sistemáticas.

Notadamente as escritoras indígenas ecoam vozes ancestrais, as de origem Mapuche como Graciela Huinao e Rayen Kvyeh, de modo geral, tensionam o canto ancestral e recriam a partir de elementos da sua própria história de luta, do passado que se reflete no contemporâneo, ressignificando conexões com a memória de dores e mortes com cantos sagrados. É diante desse contexto de cosmovisão e da história de resistência do povo Mapuche, que o eu-lírico de um dos poemas mais difundidos de Huinao, intitulado *Salmo 1492*, se converte em resistência:

| **SALMO 1492** | **SALMO WARANKA, MELI PATAKA, AILLA MARI EPU** |
|---|---|
| NUNCA FUIMOS | TURPU NGÜNEL |
| EL PUEBLO SEÑALADO | TROKIÑCHENOFEL IÑCHIÑ |
| PERO NOS MATAN | WELU LANGÜMNGEKEIÑ |
| EN SEÑAL DE LA CRUZ. | KÜRUZ ÑI DUAM MEU. |

(HUINAO, 2009, p.20)


CC BY NC SA

Com forma poética condensada, formado por uma estrofe e quatro versos simples, Huinao revela as formas que a tradição religiosa cristã colaborou para estigmatização do seu povo originário Mapuche, assim como, de tantos outros povos. Originalmente associado ao cântico sagrado do Antigo Testamento, o Salmo é usado como ironia ao discurso judaico – cristão, hegemônico e destrutivo da cultura, da episteme dos povos originários. O ano de 1492 é marcado pelo pretensioso "descobrimento" das "Américas" por Cristóvão Colombo, é a partir daí que a espoliação dos povos originários inicia, sob a máscara do Cristianismo, formando uma colonização baseada no genocídio das populações originárias, que perdura sob novas nuances de extermínio. Enfim, estar assinalado pelo sinal da Cruz, no poema, é estar marcado pelo símbolo da morte, um povo assinalado para morrer e não para viver os gozos da vida eterna.

O micro poema joga com a simbologia ironicamente perversa de elementos que compõem os sinais do genocídio, marcas colonizadoras do Cristianismo unidas às marcas de aniquilamento. Os quatros versos esgarçam o véu do que representou a ascensão da religião através da marca indelével da morte: torturas em nome da redenção eterna, ou o fim da vida ou a conversão, que é a morte das origens em si. Assim, estar marcado pela cruz significa para além da própria morte, a morte da cultura originária.

Em outro texto denominado *El Patas Verdes*, de Graciela Huinao, desta vez uma narrativa de tom testemunhal, mostra as marcas de violência extrema. Apenas à menção ao nome do genocida, o medo se propagava:

> *La muerte y él fueron yunta, la maldad lo amarró a ese yugo y como no tuvo bandera, el odio fue su escudo al ampararse en su cruzada de violación. La sola mención de su nombre, el miedo se volvía plaga, echaba abajo las puertas de territorio williche, infectando a toda la comunidad.* (HUINAO, 2006, p. 36)

Huinao mostra a violência, estupro e vingança ao contar a história de Patas Verdes (*un monstruo, engendrado en España y parido en el sur del mundo*), o estuprador da avó que foi torturada aos 12 anos, (*La maldición cayó en mi sangre, cuando mi abuela tenía doce años*). As marcas da violência são carregadas na hereditariedade, após o evento traumático carregará o filho daquele violador em seu ventre. São histórias de violações contra as mulheres que se repetem em muitas comunidades indígenas de Abya Yala. Nesse texto, o dever da memória emerge como um mandato para não esquecer ou lembrar de fazer justiça/vingança ao crime silenciado, já que sob as vias legais, não há punição aos colonizadores pelas atrocidades cometidas. As marcas do genocídio do povo originário mapuche williche através da figura do capataz Patas Verdes, um ser sem bandeiras, sem identidade que teve o ódio como seu principal impulsionador.

A escritora mapuche Rayen Kvyeh, no poema **Colonización,** prenuncia presságios de morte que são seguidos de caravelas ao mar contra os filhos da terra, sob a égide imperial de canhões:

> […]
> *Um río de sangre que emana desde el norte*
> *como um huracán atraviessa el continente*
> *hasta el confín de la tierra.*


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

*Cortan las vísceras*
*de las hijas de la tierra*
*en violaciones que inmolan*
*la cruz y el império [...]*
(KVYEH, Rayen, apud Curriao & García, 2010, p. 183-185)

Marcas da morte, do sangue derramado, de massacres e extermínios contra grupos étnicos e contra os corpos das mulheres que formam a imagem de um rio de sangue atravessando todo o continente. Metáfora que evidencia um morticínio de devastação de gentes. Mais adiante, na última estrofe, o poema também faz clara referência às violações ao corpo de mulheres indígenas promovidas pelo projeto genocidário colonial: "*Salvajes manos de ojos de acero/ del winka invasor / cortan las vísceras / de las hijas de la tierra / en violaciones que inmolan / la cruz y el império*" (KVYEH, apud Curriao & García, 2010, p.183). A representação da Cruz e do Império como marcas inapagáveis de uma simbologia do domínio colonial que promove o morticínio em nome do poder. Tudo isso são marcas genocidárias que se fazem potentes de sentidos e visíveis aos nossos olhos a partir de um processo de resistência, sobretudo, de resiliência que busca ressignificar dores traumáticas.

Ancestralidade é palavra-chave da resistência indígena presente nesses textos literários. A memória afetiva se efetiva através dos corpos de mulheres dos povos originários de Abya Yala. No poemário de Eliane Potiguara, observamos que não há apenas uma mulher indígena, condensada em sua autoria há toda uma coletividade representada pelo "nós" que carregam o peso da violência, da exclusão, da morte, marcas do genocídio feito pelo colonizador. Como ressoa em seu poema **Identidade indígena:**

Nosso ancestral dizia: Temos vida longa!
Mas caio da vida e da morte
E range o armamento contra nós.
Mas enquanto eu tiver o coração aceso
Não morre a indígena em mim e
E nem tampouco o compromisso que assumi
Perante os mortos
De caminhar com minha gente passo a passo
E firme, em direção ao sol.

[...]
Porque temos o coração pulsando
Jorrando sangue pelos quatro cantos do universo.
Eu viverei 200, 500 ou 700 anos [...]
(POTIGUARA, 2018, p 113)

O sangue jorrado dos mortos é impulsionador da ancestralidade. É através dele que nas veias se revigoram a identidade, é no seu derramamento, em sofrimento, que

as dores do genocídio reverberam pelo poema, em palavras de resistência. Potiguara metaforiza a resistência através do clamor poético para cessarem as violências contra as formas de expressão indígena. Ao metaforizar, em seu canto profundo de ancestralidade, as raízes e as sementes que resistem ao serem fecundadas pela terra, nos mostra que é impossível apagar os rastros da memória e, assim, dar passos firmes em direção ao sol, ao futuro, à plenitude, porque há vida, "vida longa!", apesar dos desenganos, há esperança na coletividade: "coração pulsando / jorrando sangue pelos quatro cantos do universo".

O caos das buscas pelo território, as espoliações provocadas pelas guerras, além dos estupros das mulheres indígenas e dos deslocamentos forçados, pretendemos analisar a ressignificação poética das escritoras Maya Rosa Chávez Juárez (Maya kiché-kaqchikel, Guatemala) e Briceida Cuevas Cob (Maya yucateca, México).

Briceida Cuevas Cob é uma das mais conhecidas escritoras mayas mexicanas, o poema intitulado *El buho* introduz a antologia poética *Del dobladillo de mi ropa* (2008) e abre com sonoridade própria o canto que será conduzido pelo decorrer do livro. Trata-se de uma composição curta, apenas 11 versos em um jogo rítmico, bem cadenciado na língua maya, que avança junto com a atmosfera que o poema dedicado a ave Coruja constrói. *El búho*, a coruja, é um pássaro naturalmente notívago e simbolicamente está atrelado aos mistérios e soturnidade da escuridão da noite, quase sempre ligado à sabedoria e à morte. Nota-se a cadência das vogais da língua original que remetem ao canto da coruja, nos induz a uma espera pelo desvelar de um enigma, o presságio da morte. A voz poética diz:

| XOOCH' | EL BÚHO |
|---|---|
| Ts'o'ok u k'uchul xooch'. | El búho llega. |
| Tu mot'ubal yo'koot. | Se agazapa sobre el muro. |
| T'uubul tu tuukul | Medita. |
| Máax ken u tomojchi'it | Qué muerte anunciar |
| wa mix máak ku k'iin ti' le kaaja'. | si ya nadie vive en este pueblo. |
| U xla' báakel máako'obe' chen ka máanako'ob. | Los fósiles de la gente transitan a ningún lado |
| Uje' tu bonik u muknalilo'ob ch'een k'aax | Pinta la luna las tumbas del camposanto |
| ts'o'ok u káajal u lu'uk'ul tumen loobil. | que ha comenzado a masticar maleza. |
| Xooch'e' | El búho |
| tu xuuxubtik u k'aayil kuxtal. | ensaya un canto a la vida. |
| Tumen ma' u k'aat u k'ay u kíimil. | Se niega a presagiar su propia muerte. |

(CUEVAS COB, 2008, p. 15)

A coruja, ave agourenta, anunciadora de mortes, mas quais mortes se ninguém mais vive nessa cidade? São fósseis de gente, perambulam e só o sombrio da lua ilumina as tumbas dos cadáveres. Se por um lado, a tenebroso da morte se anuncia indelével, por outro a relações entre a Morte e a vida, ou ainda o passado e o futuro possível, são


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

evocados diante do encerramento dos ciclos que compõem a vida. Afinal, nos últimos três versos, o pássaro ensaia um canto a vida, talvez uma ponta de esperança.

Então, abre-se para uma nova perspectiva para a vida, apesar da presença da Morte, resiste e nega a possibilidade do fim de sua própria vida. Como também, aponta da poetisa guatemalteca de origem Maya K'iche'-Kaqchikel Rosa Chávez, em sua poesia de sobrevivência profunda em novos sentidos para sua própria condição de ser mulher e ser indígena: "*Sobreviví al incendio de mi cuerpo / Sobreviví el estallido de la carne/ Sobreviví a las cadenas en los tobillos/ Sobreviví al fierro en mis venas / Sobreviví a la ausencia de las letras/ Sobreviví al escarmiento del capataz [...]*". O eu-poético ressalta seu estado de superação às adversidades impostas ao próprio corpo, o incêndio, as explosões, as correntes, são direcionados a sua limitação e morte, domínio e subjugação. São marcas profundas da tortura e morte promovida pelo colonizador. E continua,

> *Sobreviví a masacres*
> *sobreviví a la verdad que rebosaba de las lenguas*
> *sobreviví al drama de la carne y la pólvora*
> *sobreviví al amor que no cabe en una persona*
> *sobreviví a la tormenta en el hueso derruido*
> *sobreviví a la miserable tumba abandonada*
> *sobreviví a la perdida de mis huesos florecidos*
> *sobreviví al salvajismo de la civilización*
> *sobreviví a tú desnudez anclada en la memoria*
> *sobreviví a la bestialidad de un solo recuerdo*
> *sobreviví a al exterminio del fuego sobre la montaña*
> *sobreviví a la perforación*
> *sobreviví a la aceptación del destino*
> *sobreviví a la inseguridad ancestral*
> *sobreviví a mí misma.* (CHAVÉZ, s/d)

Sobrevida é sobre a morte, o poema de Rosa Chavéz, nos faz refletir que a sobrevivência é antes de tudo um processo de resistência, apesar das atrocidades: massacres, a pólvora, a ideia de civilização (como diz a autora: selvageria da civilização), extermínios, incêndios e, por fim, a própria condição ancestral, ou seja, a si mesma. Por fim, são versos perturbadores que nos apresenta, assim como são dolorosas as metáforas, através delas nos saltam a nossa consciência sobre a morte, o genocídio e a guerra que se arrebentam entre a palavra e o papel.

Quando se trata de marcas do genocídio indígena nos poemas das mulheres de Abya Yala, tracejamos um complexo percurso de barbaridades perpetradas pelo colonizador e sua herança cultural. Marcas da morte, do sangue derramado, de massacres e extermínios contra grupos étnicos e contra os corpos das mulheres. E ao tratarmos da morte, vemos o seu revés a vida ou o estado de sobrevivência. A morte pode ser considerada por muitas culturas como o fim absoluto de tudo aquilo que vive, é o aspecto destrutível e perecível da própria existência. No entanto, em tantas outras culturas,

pode ser regeneração, abrir-se ao novo como possibilidade de reinício no desconhecido, o que não impede de se entender o sentido de morrer como algo angustiante, talvez um trânsito para uma outra existência.

É nesse sentido, que as literaturas indígenas contemporâneas estão fincadas sob as raízes da árvore da ancestralidade, da memória e do conhecimento indígenas em formas poéticas de resistência. A também escritora indígena do povo Potiguara, Maria das Graças Ferreira Graúna, em sua voz poética expressa no poema *Canção Peregrina*: "As pedras do meu colar são história e memória / Do fluxo do espírito / De montanhas e riachos / De lagos e cordilheiras / De irmãos e irmãs / Nos desertos da cidade / Ou no seio das florestas". (GRAÚNA, 1999, p. 27). Irmanadas em um só fio, como pedras engatadas ornando um colar, as populações indígenas de Abya Yala formam um senso comunitário e integrativo, a partir das suas próprias diferenças, um colar com muitas cores de diferentes etnias que formam suas próprias histórias de resistência.

Em outro poema de Graça Graúna, *Era uma vez*, o texto faz uma referência metafórica ao conflito da tomada das terras indígenas pelo projeto colonial eurocêntrico que transformou o território de Abya Yala:

> Era uma vez
> Um pernil de carneiro retalhado em fatias
> aos que foram chegando
> cada vez mais estrangeiros.
>
> No vai-e-vem de troncos,
> quantas nações em prantos!
> E os homens-daninhos
> Seduzindo a taba.
>
> [...]
>
> E foi acontecendo
> e escurecendo,
> mas de manhã, bem cedinho
> além da Grande Água
> vi um curumim sonhando
> com Yvy-Marãey formosa.
> (GRAÚNA, 2007, p. 31)

Território em retalhos, dividido, limitado pelo domínio do poderio bélico dos estrangeiros, sedutores homens-daninhos na sanha do poder. As marcas do genocídio de nações indígenas em prantos pelas atrocidades cometidas pelo colonizador. Graúna remonta os tempos ao trazer à tona a malícia, a falsidade, a ânsia pela guerra. Yvy-Marãey, a Terra sem Males para os tupi-guarani, a busca da terra ancestral pelo lugar em que tudo seria melhor, com um futuro reservado em uma natureza plena com a Mãe Terra, o sonho e a utopia da criança que olha o horizonte em busca de


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

esperança ante o caos perpetrado pelo colonizador. Os caminhos trilhados em procura de Yvy-Marãey formosa nos conduzem até a contemporaneidade na ânsia de futuro. Conforme diz Olivieri – Godet:

> O fim do poema desvia do fio macabro da história e reintroduz a esperança, recorrendo a imagens que apelam para a renovação e reintroduzem a utopia: "E foi acontecendo / e escurecendo, / mas de manhã, bem cedinho / além da Grande Água / vi um curumim sonhando / com Yvy-Marãey formosa.". A matéria poética busca a memória cultural indígena, fazendo brotar referências míticas e linguísticas. O poema se conclui com a imagem de uma criança indígena que sonha com a Terra sem Males, "lugar privilegiado e indestrutível, onde a terra produz seus próprios frutos e onde não se morre" (Clastres, 1975, p. 37). O poema se apropria das palavras proféticas do mito, sugerindo um futuro em que seria possível uma reorganização social, apesar do colapso das populações indígenas. (OLIVIERI-GODET, 2020, pp. 60-61)

Portanto, a literatura nos proporciona perceber o elo com a nossa essência, com aquilo que desejamos, projetamos, enfim, o nosso imaginário. Projetar essa criança, que pode ser a centelha de um adulto em seu interior solicitando passagem para o novo, inscreve uma leveza nos tempos vindouros. É o curumim, a criança indígena, que vê o futuro através da projeção de Yvy-Marãey, a terra sem males que os tupi-guarani tanto buscaram. No entanto, não nos basta o sonho de futuro, é preciso com coragem tecer o retorno da flecha ancestral para se reinventar, se (re)encantar, ressignificar e, sobretudo, rexistir. Partindo desse pressuposto, pensar a morte como um ciclo que por findar também se abre ao novo, e dessa forma incide no princípio do que chamamos de resistência. Assim, cabe-nos concluir que enquanto a poesia se fizer presente, a morte não alcançará, por isso, é preciso pensar em nossa Yvy-Marãey formosa, não como um fim, mas como o princípio das nossas movências poéticas carregadas de vida.

## À GUISA DE (IN)CONCLUSÕES

Desde 1492, invadem as terras de Abya Yala. Desde 1500, tomam as terras das gentes da floresta da terra brasilis. Desde então, os saqueamentos, os extermínios e as inúmeras outras formas de opressões são contínuas. Como bem sabemos e breve comentamos, apesar do que se propaga sobre o fim da Colonização, nunca puseram fim aos processos coloniais, as consequências ainda podem ser sentidas pelos povos indígenas de todo o vasto território. O ressoar poético da literatura indígena se faz em torno de um canto de resistência que ressoa na contemporaneidade através das escrituras de autoras de diversos povos originários, reiteremos que o que observamos neste artigo é apenas um recorte muito limitador de vozes poéticas de três grupos étnicos.

Sendo assim, genocídio, violações, injustiças, dores que compõem a ancestralidade indígena. Há morte, mas também há vida e vontade de seguir, como podemos observar no poema *La vida y la muerte se hermanan*, de Graciela Huinao:

*De enseñanza simple era mi padre*

*con su naturaleza sabia.*

*Al hermanar la vida y la muerte*

*en el centro de mi mano*
*y no temer cuando emprenda el camino*
*hacia la tierra de mis antepasados.*
*Abrimos nuestros dedos*
*y de un soplo retornó la vida*
*al pequeño universo de mi palma.*
(HUINAO, 2009, p. 68)

Uma ao lado da outra, como irmãs, estão a morte e a vida, unidas a voz ancestral do pai que toca a mão da filha para fazer, sem medo, crescer em sua palma a simplicidade da criação, nesses ritos de passagem que são o nascer e o morrer. A sabedoria ancestral dos mais velhos mostra que pela morte a vida também se renova, como num sopro que se retorna a vida um universo na palma da mão de quem escreve e cocria mundos. Parece-nos que a figura do pai nos releva a sabedoria daqueles que sabem que a escrita, enquanto criação, é renovação, é existência em resistência para não temer criar outros mundos possíveis.

Assim, palavra proferida pela mulher ameríndia carrega em sua estrutura as vozes de seus antepassados, são sentidos, significâncias, articulações sonoras e letras entrecruzadas na contemporaneidade das literaturas. Ao lermos os textos literários, percebemos como as palavras das escritoras indígenas de Abya Yala podem ser vivas e sagradas, inerentes ao seu próprio corpo, assim como também são os elementos da natureza. E, portanto, traduzem vida e morte, dores e alegrias, anseios e resistências. Diante dessas observações, a memória ancestral traspassa as veias do ser mulher indígena e ecoa palavras no tempo. A palavra, tal qual a terra, é sentimento de pertença.

Por tudo isso, que os versos poéticos escritos por mulheres indígenas de diversos grupos étnicos de Abya Yala nos remetem a resistência, mas sobretudo nos mostram a convicção de uma fonte ancestral em que se concentra o seu poder próprio. Elaborando, assim, um discurso que busca afastar-se da condição de subalternidade.


*Raído*, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 189 – 204 | mai/ago 2021

# REFERÊNCIAS


BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *In:* BOSI, Alfredo, **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

CHAVÉZ, Rosa, Poema de Rosa Chavéz, **Metáfora, Literatura y Arte.** (*on-line*) Disponível em: https://fipq.org/rosa-chavez-guatemala/ Publicado em: 02 de janeiro de 2017, Acesso em: 15 de maio de 2021.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução à história dos índios no Brasil. *In:* **História dos Índios no Brasil**. Manuela Carneiro da Cunha (org.) Cia das Letras: São Paulo, 2002.

CUEVAS COB, Briceida. **Ti'u billil in nook' - Del dobladillo de mi ropa**. México, 2008.

GRAUNA, Graça. **Canto Mestizo**. Rio de Janeiro: Ed. Blocos, 1999.

GRAUNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAUNA, Graça. **Tear da palavra**. Belo Horizonte: S.n., 2007.

HARLOW, Barbara. **Resistance Literature**, Methuen Co. NY and London, 1987.

HUINAO, Graciela, El Patas Verdes. *In*: **Hilando en la memoria**: **7 mujeres mapuche:** CURRIAO / HUINAO / MILLAPAN / /MANQUEPILLAN / PANCHILLO / PINDA / RUPAILAF, de Soledad Falabella, Allison Ramay, Graciela Huinao (org.), Editorial Cuarto próprio, Santiago, Chile, 2006.

HUINAO, Graciela, **Walinto**, Editorial Cuarto Propio, Santiago -Chile, 2009.

KVYEH, Rayen, Colonizacion, in.: CURRIAO, Maribel; MORAGA, Fernanda. **Kümedungun/ Kümewirin. Antología poética de mujeres mapuche** (siglos XX-XXI). Caniguán, Jacqueline (versión mapudungun). Santiago de Chile: LOM, 2010.

MBEMBE, AchiIle. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Por Renata Santini. - São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLÁN, Moira. Mujer Mapuche: Explotación colonial sobre el territorio corporal. In.: BIDASECA, Karina & LABA, Vanesa Vazquez (org.). **Feminismos y poscolonialidad**. 2a Ed. - Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2011.

OLIVIERI-GODET, Rita. V**ozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense**, Rio de Janeiro, Edições Macunaíma, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Entre América e Abya Yala** – tensões de territorialidades, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro, RJ – 3ª edição – Grumin, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: ___. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

TUPTURKA, Abya Yala Wawgeykuna (Hermanos Americanos), in.: MALDONADO, Beatriz Carrera & ROMERO, Zara Ruiz (org.). **Abya Yala Wawgeykun: Artes, saberes y vivencias de indígenas americano,** do Instituto Zacatecano de Cultura "Ramón López Velarde". México, 2017.

*Recebido em 15/06/2021*
*Aprovado em 26/07/2021*